

António Torrado

CONTE COMIGO



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

ANTÓNIO TORRADO

CONTE COMIGO

Comédia em dois actos
e quatro personagens

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1996

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Torrado, António, 1939 –
Conte Comigo: comédia em
dois actos e quatro personagens
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1289-4



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116 - 2.º
1098 Lisboa Codex - Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© António Torrado, Sociedade Portuguesa de Autores, 1995

Capa de: Catarina Rebello sobre fotografia de António Homem Cardoso
Foto da contracapa: António Homem Cardoso

1.ª edição: Maio de 1996
Depósito Legal n.º 97803/96
Fotocomposição e fotolitos: vítor manuel
Impressão e acabamento: Rolo & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1289-4

A peça *Conte Comigo* foi transmitida, em estreia pelo Canal 2 da RTP, na noite de 14 de Novembro de 1995.

PERSONAGENS E INTÉRPRETES

Lourenço – Virgílio Castelo
Maquilhadora – Julie Sargeant
Laura – Paula Mora
Carlos – Victor Norte

FICHA TÉCNICA

CÂMARAS – Artur Faneco, Melo Pereira, João Martins, Pedro Castro e Silva, Carlos Costa.
MISTURA – João Laranjeira.
CONTROLO – Rui Tinoco, António Carlos.
ILUMINAÇÃO – Fernando Monteiro.
ELECTRICISTAS – Carlos Santos, José Vicente, João Ferreira.
SOM – Mário Garcia, João Gaspar.
ASSISTÊNCIA MONTAGEM – Paulo Aleixo, Luís Cardoso, Manuel Lino, Walter Jacinto, Paulo Garcia, Rui Pim Pim.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA – Carriço Duarte, Helder Pitadas.
RM – António Alves.
CARACTERIZAÇÃO – Isabel Russell.
CABELEIREIRA – Leonilde Rodrigues.
ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO – Ana Maria Patacho.
COSTUREIRA – Henriqueta Pinheiro.
ANOTADORA – Maria Helena Araújo.
CARPINTEIROS – Antero Marques Ribeiro, Fernando Abreu.
PINTURA – Manuel Bernardo.
ASSISTENTE DE EXTERIORES – Margarida Varejão.
PONTO – João Coelho.
ORÁCULO – Maria José.
PÓS-PRODUÇÃO VIDEO – Eduardo Adelino.
PÓS-PRODUÇÃO AUDIO – José Courinha.
GENÉRICO – Nicolau Tudela.
CHEFE TÉCNICO DE PRODUÇÃO – Fernanda Monteiro.
CENOGRAFIA – António Polainas.
PRODUÇÃO – Arlete Perdigão.
REALIZAÇÃO – Artur Ramos.

PERSONAGENS

LOURENÇO – Cerca de 40 anos. É um homem interessante. Uma certa ênfase física e comportamental denunciará a vontade de parecer um aristocrata, não o sendo... Nele o parecer sobrelevou o ser. Provido de uma notória energia, concentrou-a toda na sua imagem e no sucesso profissional dela decorrente.

É, no entanto, um homem dotado de um humor dinâmico e de uma aparência cordial, sem traços ostensivos de vaidade ou de exibicionismo snobe.

MAQUILHADORA – Jovem alta, loira e atraente, mas de porte discreto.

LAURA – Pouco menos de 40 anos. É uma mulher em crise. Nervosa, insegura e infeliz, tenta, inutilmente, não o aparentar. Espartilhou a alma num rigorismo de saia-casaco, que, exteriormente, usará (ou não usará) como uma armadura contra as insolências e as ciladas da vida. Se fosse fisicamente desajeitada (não tem de ser!), tornar-se-ia uma figura ridícula e rebarbativa, o que não se pretende.

O que dela mais deve transparecer será a fragilidade emocional, sob a aparência de uma segurança mal esculpida e quebradiça.

CARLOS – Cerca de 40 anos. É um homem sem especiais atributos físicos, sobredotado, sim, mas do ponto de vista afectivo. Muito efusivo, um tanto pueril nas suas manifestações emocionais, comove-se, alarma-se, deleita-se, revolta-se, entenece-se, numa corrente contínua e inesgotável de vitalidade sentimental. Gosta de ser assim.

Não deve parecer grotesco, mas quase patético e muito tocante.

CENÁRIO

Gabinete de apresentador de talk-show de grande audiência, em moderna estação de televisão. Espaço e mobiliário a condizer. Além da ampla secretária e respectiva cadeira rotativa, conjunto de sofá e maple, diante de televisor com video incorporado. O televisor está de costas para o público.

Espelho grande, se possível integrado em móvel com painel quadriculado de monitores, sintonizados para estações via satélite (só imagens, sem som). O espelho é essencial, mas o painel de monitores não. Prateleiras de bar e prateleiras com alguns livros, dossiers e aparelhagem áudio.

Sobre a porta de acesso ao gabinete (porta almofadada e sem fechadura visível), sinal eléctrico ora verde ora vermelho. No início da acção, está vermelho.

Na secretária, entre outros adereços usuais em tampo de secretária, uma moldura, com uma fotografia de mulher jovem, que se saberá ser de Sofia, mulher de Lourenço.

1.º ACTO

ACÇÃO

Sentado na cadeira rotativa, mas afastado da secretária e diante do espelho, Lourenço está a ser maquilhado por uma maquilhadora. A cadeira tem encosto para a nuca. Ela de bata, ele em mangas de camisa e de suspensórios modernos. Casaco-blaser pendurado, algures. Música de fundo amena.

Lourenço lê, enquanto é maquilhado, algumas folhas soltas. Está a tocar o ralo telefónico, na secretária.

A maquilhadora chama-lhe a atenção, apontando. Ele segue-lhe o gesto e tira um tampão de algodão de um dos ouvidos. Gesto de irritação de Lourenço. Manda a maquilhadora suspender o trabalho. A cadeira em que Lourenço está sentado tem rodado. Ele desloca-se à secretária, sem se levantar, e atende o telefone sem fios. É, como adiante se saberá, um sofisticado aparelho, provido também de comando à distância, que tranca a porta de acesso, acende televisores, acciona os sinais luminosos sobre a porta, etc.

LOURENÇO *(Ao telefone, depois de hesitar sobre qual dos ouvidos encostar):* Está? Quem? *(Ar enfadado)* A estas horas? Agora não... Santa paciência... Depois do programa! *(Suspiro resignado)* Bem. Passa-lhe o telefone. *(Breve pausa e cordial)* Laura? Olá, querida. Tu sabes que eu estou a arrancar? (...) Pois!

Com um directo não se brinca (...) Então... Vá lá. Diz. (*Suspiro de resignação para a maquilhadora. Vai revendo as folhas e, distraidamente, encosta o telefone ao outro ouvido, que ainda tem algodão*) O Carlos o quê? Espera aí. (*Emenda-se e muda o telefone para o ouvido sem algodão*) Se o...? Não, não falou. Mas há algum azar com o Carlos? De que género? (...) Mau. Desce. (*Premindo outro botão do painel do telefone e noutro tom*) Deixe descer a senhora. (*Desliga, tocando outro botão do teclado do telefone. Prime outro e a luz sobre a porta passa a verde.*)

Sempre sentado, volta para defronte do espelho. A maquilhadora, com solicitude profissional, volta a enfiar-lhe um tampão de algodão no ouvido, enquanto acaba de escovar-lhe a cara. Ele fecha os olhos, por momentos. Volta a abri-los, para nervosamente regressar à leitura dos papéis. Entretanto, a maquilhadora tira-lhe os tampões dos ouvidos e começa a penteá-lo.

Lourenço lança uma mirada ao espelho, discordante. Solicita à maquilhadora o pente, num gesto de impaciência, e penteia-se ele, dando o toque pessoal. Sorriso condescendente da maquilhadora, num quase imperceptível afloramento de ternura.

VOZ DE ALTIFALANTE (*Algures, no gabinete*): Lourenço Sá da Bandeira, tem vinte e cinco minutos.

Expressão interrogativa da maquilhadora.

LOURENÇO (*Explicando-lhe, com gesto de mão correspondente*): Vinte e cinco minutos. (*Batendo com a mão nos papéis, irritado*) Vinte e cinco minutos, porra... e ainda mais esta!

LAURA (*Assomando à porta*): Posso?

LOURENÇO (*Rápida mudança de semblante, rodando a cadeira e abrindo-lhe os braços*): Entra, Laurinha. Entra. (*Volta a accionar o sinal de luz que passa a vermelho e a porta fecha-se*) Então, minha querida ... o que é que há?

Ela vai a beijá-lo, na face, mas a maquilhadora interpõe-se. Surpresa de Laura.

LOURENÇO (*Sorridente e sustendo-a*): Não! Aguenta, que estou pintado de fresco...

LAURA: Desculpa. Esqueci-me que ias para o programa. O que é que queres? Passou-me. Ou por outra: eu esquecer não me esqueci...

LOURENÇO: Então, decide-te: esqueceste-te ou não te esqueceste?

LAURA: Quero eu dizer: Quando o Carlos disse que vinha cá falar contigo, a seguir ao programa, é que me lembrei.

LOURENÇO (*Em tom de afectuosa recriminação*): Depois voltaste a esquecer-te, foi?

LAURA: Lá em casa é um dia sagrado. (*Emendando-se*) Quer dizer: uma noite... Nada se pode intrometer entre nós e o teu programa. O Carlos até desliga o telefone.

LOURENÇO (*Enternecido*): O Carlos sempre foi assim. Quando gosta, gosta. Até ao excesso. (*Evocativo*) Tivesse eu mais dois ou três amigos como ele e bem me importava com os inimigos... (*Em tom preocupado*) O que é que há com o Carlos?

Está a acabar de ser maquilhado.

LAURA: Muita coisa. Mas... (*Designa a maquilhadora, de costas para ela.*)

LOURENÇO: Ah, não te preocupes. É surda-muda.

LAURA (*Condoída*): Surda-muda?

LOURENÇO: Como se fosse. Veio da Hungria, para um estágio. Não percebe patavina. *(Falando para a maquilhadora)* Olha, miúda, o que é que tu achas dos Portugueses? Melhores do que os Húngaros, é?

A maquilhadora sorri e encolhe os ombros, dando a entender que não percebeu nada.

LOURENÇO: Vês? Diz que ainda não experimentou o suficiente.

LAURA: Não sejas ordinário.

LOURENÇO *(Levantando-se e tirando a toalha de maquilhagem)*:
Vá. Conta-me do Carlos. Depressa.

A maquilhadora empurra a cadeira até ao seu devido lugar, diante da secretária. Ele apagou o som de fundo da aparelhagem.

LAURA: É muito melindroso.

LOURENÇO: Doença?

LAURA *(Radical)*: Não! *(Emendando)* Isto é: que eu saiba...

LOURENÇO: Então, se não é doença, pode esperar para depois do programa. *(Enquanto, de pé, distribui as folhas do alinhamento sobre o tampo da secretária, designando-as com um dedo espetado e aplicando-se na memorização.)*

LAURA: Depois do programa vem ele.

LOURENÇO: E então, que mal há nisso?

LAURA: Vim primeiro eu, para estares prevenido.

LOURENÇO *(Consultando as folhas)*: Qual é a altura do Everest?